INTRODUÇÃO:

VOXPOPULI

Seria a voz do povo, a real voz de Deus? Seria, claro, se a voz popular viesse direta mente da sabedoria iluminada do homem convivendo diretamente com seus semelhantes trazendo todas as diferenças que os enganam e os conflitam como dessemelhantes. Mas, como a ignorância do homem sobre si mesmo grassa na populações, “Vox Populi” é deficiente no que tangi aos eventos com Deus. Mas isso não tira o quanto é interessante a vida popular e suas crenças. No interior do País, tais relações são evidentes pelos dramas, conflitos, amores e sonhos regados de peculiaridades que só o ambiente rural tem. Narrados por linguagem, característica de gente prática e sem os melindres das cidades grandes com suas exigências do comportamento educados e politicamente corretos.

O homem do campo “é o que é”, simples e naturalmente correto, e é por ser assim que reflete alegrias, tristezas num contexto atraente de cores, sabores, tradição e gracejos apaixonantes, em frases rusticas e populares, dito que se perpetuam de gerações e gerações.

VOXPOPULI é um conjunto de contos ambientais escritos há muitos anos atrás quando eu ria e chorava, na vida apaixonante rosa, mas com significado profundo, descobrindo mais vida entre pedras, mandacarus, sol quente e rios quase secos.

DEDICATÓRIA:

Dedico esta obra ao homem do campo, com seu estilo prático e sincero, trazendo sempre os temas, morte, vida e relação humana de forma direta e sem muitos preâmbulos.

E então, por essas marcas do homem simples do campo podemos então afirmar: “Vox Populi, Vox Day. A Voz do Povo é a Voz de Deus... Mas a Voz de Deus é a Voz do Povo?

O MACACO DO ZOOLÒGICO NÃO ESCREVE...

AQUELE JÁ APRENDEU!

Conto

Antônio José Melo Marques

Olho o prédio de cima a baixo, fascinado...Aquele diabo de prédio estava ali há muito tempo, sempre em minha frente, mas porque só agora o percebo? Bom, parece que de repente descobri ser aquele prédio parecido com uma pessoa! Mas é um absurdo comparar um prédio com uma pessoa! Pois é, mas estou achando o absurdo algo bem compreensível. Lógico que na forma, um prédio é muito diferente de uma pessoa, mas no conteúdo é igual. Veja aquele prédio... Cada canto que se olha, um segredo, uma maneira, uma ideia, uma faceta... Sim, um prédio segreda uma pessoa para quem tem olhos de ver e ouvidos de ouvir!

Não posso escutar o som a esta distância, mas posso imaginá-lo porque vejo o ritmo nos passos da negrinha limpando a varanda com pano molhado... É um gingado, um vai e vem afro, afrodisíaco, um balançar cadenciado de cintura fina, inato, sem ser alegre e sem ser triste... Apenas uma dança... A mesma dança ante a casa senhoril, um lundum ao zum-zum do engenho, gemedeira da cana! A dança é livre, mas o trabalho é forçado! Para não ser tão forçado o trabalho, precisa-se dançar, enganar a obrigação. Não sei o que pensa aquela negrinha enquanto trabalha, mas o que pensavam os negrinhos enquanto trabalhavam? Ah, correrem pelos campos, pularem das cachoeiras, ficarem nus, rolarem no chão feito cobra, rirem abertamente para o sol que ri todos os dias, andar, amar e amar: Sim, a negrinha não sabia o que estava querendo dizer, mas queria dizer algo e por isso para de trabalhar, não precisava parar de trabalhar para dizer o que ela quer dizer, mas por não saber o que quer dizer, para de trabalhar quando a patroa vai lá dentro fazer não sei o que... A negrinha bota a mão no queixo, displicente, tão displicente... e olha o vazio que existem tudo que existe... O tempo passou, a sociedade mudou ou se diz mudada, os aviões cruzam os céus independente da vontade dos céus, mas a negrinha não mudou muito... Os grilhões da memória a prendem ao tronco e a fazem parar de trabalhar apenas para dizer que o trabalho também deve ser livre... O trabalho deve trazer o prazer do trabalho!

Vejo que agora e uma jovem quem cuida das gaiolas.... Uma jovem bonita se interessando por gaiolas enferrujadas e passarinhos monótonos é coisa incomum. Os passarinhos são os mesmos, marrons, amarelos, marrons amarelos, cada qual no seu canto de sempre, cantando a tristeza do existir, pulando desanimados de lá para cá... Sim, os passarinhos são os mesmos, as gaiolas também, mas já não e o velho quem cuida deles... Por isso a tristeza maior: Com o velho, os passarinhos eram tristes, eram...Mas eram menos! O velho tinha um jeito, um amor! A jovem se esforça em imita-lo ... Percebo que a jovem tenta imitar o velho até no pegar das gaiolas, na ordem de pôr o alpiste, no trocar da agua... Mas o velho tinha um jeito, um amor... E por isso a jovem o imitando tão bem, não o imita nem um pouco...

Falta o amor, falta o velho! A jovem insiste, esmera-se ao máximo, imitar o velho é para ela uma espécie de culto, ritual sagrado, honra... Mas os passarinhos sentem a falsidade, não basta boa vontade e esforço para transformar a falsidade em relação verdadeira. E os passarinhos já não cantam nem de tristeza... os passarinhos não sabem ser falso, eles são apenas o que sentem... E a jovem termina por perceber sua própria inutilidade diante dos passarinhos. Senta-se quedada no banquinho da varanda, debruça-se com as mãos no rosto, e chora ao vento lhe alisando os cabelos jovens... Os passarinhos parecem se animar... Seria a força da sinceridade do momento, a insuficiência admitida afinal, ou seria apenas o vento alvoroçando as penugens dos passarinhos? Sim, seja o que for, há uma certa animação no ar, passageira, breve, muito breve... E que a sinceridade da jovem para consigo mesma é maior do que a sinceridade para com os passarinhos... E o vento? Ah, o vento... Sopra agora, depois não sopra mais! E de repente tudo volta a ser triste, muito triste, sem fundo...

Para onde foi o velho? Tenho a impressão que os passarinhos sabem... Eles que sabem tudo e aparentemente sabem

nada... Por isso tenho a impressão que eles sairão voando daquelas gaiolas, irão ter com o velho qualquer hora destas...Sim, tenho me amo essa impressão...Eles sairão voando sem que ninguém precise abrir as portinholas...

O Nordeste ainda não saiu daquelas pessoas... As pessoas saíram do Nordeste, vieram morar ali, mas não nordeste delas! O Nordeste ira saindo aos poucos, um Nordeste agonizante que teima ainda em viver apenas por obstinação, capricho de gente ruim, mania de gente que come barro para continuar respirando... Só por isso o Nordeste existe naquela varanda moderna, vivendo na rede, no laço grudado na parede... e na certa, temperando a comida na mesa. Lógico, que ketchup e a maionese ganham terreno a cada dia sobre a pimenta de cheiro em cuia de barro, logico... Tudo acaba por ganhar terreno sobre o Nordeste, o próprio Nordeste ganha terreno sobre o Nordeste... Nordestino já cavalga em motos e as vacas do Nordeste já dão leite em pó... Sim, aquela rede ali será substituída por una poltrona inflável e o laço na parede por um quadro surrealista: Quanto tempo levará até que isto aconteça? Mais dia menos dia acontecerá! ... A cidade sempre consegue... A cidade trabalha impaciente, mas tem uma paciência de pedra: Que oposição ao futuro poderá fazer uma rede, um laço e um potinho de tempero? Ah, tanta coisa mais interessante e exótica por ali e a televisão fazendo o interesse e o exotismo exceder os limites do apreciável! Sim, a sobrevivência do Nordeste naquela varanda é a medida das pessoas suportarem ainda o Nordeste naquela varanda! Sem dúvidas, são pessoas que sofreram a dureza do Nordeste, o desconforto do Nordeste, o sol do Nordeste e por isso ficaram marcadas a ferro incandescente... E as marcas do sofrimento são as últimas a se apagarem... Mas também se apagam!

Vejo muitos gestos, gestos bruscos, repetidos, bruscos mesmo... Um homem faz gestos e uma mulher se encolhe como se quisesse voltar ao útero donde veio... Às vezes, a mulher tenta una

defesa, algo como pedir. Clemencia com as mãos espalmadas, mas os gestos do homem inibem quais- quer outros gestos... São como bombas que explodem todas as resistências, arrasam todas as defesas mal elas começam a se formar...

A mulher foge para o cômodo contiguo e a fúria do homem aumenta ante a ousadia imperdoável... Agora a mulher é presa que foge do caga dor. O homem caça e faz gestos ameaçadores, extremamente ameaçadores. Perigosamente próximos... A mulher já não opõe resistências, apenas como resistências foge para outro cômodo e foge também de minha vista... Eu que também me sinto um caçador... de imagens! Mesmo sem ver, posso ver o homem caçando onde quer que vá a caça, caçando não, brincando, tripudiando sobre a caça onde quer que a caça vá.

Três crianças estão na sala, posso sentir os olhinhos brilhando de medo, desamparo e incompreensão... Os três amparam-se agora uns nos outros e o desamparado agora é amparador, o amparo que cada desamparado pode dar...

Um apartamento é sempre um apertamento, e fora das janelas, um abismo... A caça, não sei porque não está desesperada a ponto de pular no abismo e por isso vejo-a voltar à sala, caçador atrás... Infelizmente um apartamento não tem esconderijos e todas as cenas voltam sempre a ter lugar nos me amos lugares... o homem está agora mais ameaçador, cresce sobre a mulher, atalha a vítima, encurrala-a entre os móveis... A mulher não tem mais para onde ir, não pode varar as paredes, não tem ânimo para contratar, não quer mais fazer o mesmo percurso de fuga, e, então, consegue abrir a porta do apartamento e sai alucinada...

A caçada está temporariamente suspensa, mas ainda não acabou... Ha ainda uma caça e um caçador... Mais cedo ou mais tarde se encontrarão! Sim, o problema ainda não foi resolvido... E nada pior que um problema a ser resolvido não se sabe como!

O vazio, o silencio e o escuro existem ali. Mas é apenas o vazio, o silêncio e o escuro que existe ali? Existe o vazio, o silêncio e o escuro se não existir neles o cheio, o barulho e o claro? Sim, não posso sentir o cheio do vazio, o barulho do silêncio, o claro do escuro, mas eles existem sem que eu os sinta... Não que já existam para mim, não sou ainda total embora o seja, mas eles existem apesar de mim, além de mim, existem na sua própria antítese porque não podem existir sem sua antítese! Sim, tudo existe também a antítese de si próprio, na não existência de si próprio... Os fios dos segredos da vida estão ocultos como oculta está a outra parte da compreensão... oh, homem, esforça-te! Serás apenas tu quem de terminara a parada ou continuidade de ti... Esforça-te para encontrares os dois lados de cada coisa... os dois lados são um só, mas só se tornam um para nos quando distinguimos os dois lados! O vazio e o cheio em ti será o então a existência... o barulho e o silêncio em ti será então a harmonia...O claro e o escuro em ti será então a luz! Oh, homem, enforca-te! De máxima importância e pensas não importar nada... E o que pensas que és não tem a importância que pensas ter! E por isso sofres, como sofres... os sofrimentos que vês apenas como sofrimentos! Por isso não conheces a Deus, não sabes que és a antítese Dele ... Ele que é sua própria antítese! Por isso, uma sala vazia, silenciosa e escura nunca está vazia silenciosa e escura!

O nu ante o espelho nu... Forço-me a não vero nu com os olhos do desejo para, assim e só assim, poder ver o nu e não o meu desejo! Quero ver o nu tão somente como ele é.... nu... Belo, harmônico, obra de arte! O que vejo não é meu tipo estético ideal, não é.... Não é ideal para mim, mas tudo e sempre ideal, ideal para a vida, mesmo que não seja ideal para ninguém, mesmo que não satisfaça a padrões ideais cobiçados... A vida tem um padrão natural para qualquer medida, as mais harmônicas, as mais esdruxulas... As pessoas é que não se aceitam, não aceitam suas próprias medidas e então não são felizes...

Aquele corpo, por exemplo, não se aceita, já desconfia de si próprio...A dona se vira, se mira, totalmente nua, tenta pelo espelho a perfeição, o que ela acha ser perfeito, a redução das gordurinhas se acumulando rapidamente nos flancos... Sinto-me um intruso vendo a cena, mas continuo a olhar... Eu só estou vendo a cena e mais nada! A dona murcha a barriga, fica momentaneamente esbelta... Sim, que bom se pudéssemos viver sem respirar! De repente a dona se lembra que foi ao banheiro para escovar os dentes...Pega a escova, a pasta, nua...ora, trabalhou o dia inteiro vestida: E enquanto escova os dentes, lembra-se novamente do espelho, o espelho agora é una obsessão... Afasta-se dele para ter perspectiva melhor... Ai entra um homem, também nu, não vai olhar-se no espelho...O homem parece mais conformado com aquilo que ele é e está ficando cada vez mais... Com a presença do homem no quarto, a mulher muda automaticamente de atitudes... Abandona o espelho como quem abandona um lago... Na presença do homem o espelho lhe traz vergonha... Não quer que o homem a veja olhando-se no espelho, não quer que o homem desvende sua vaidade ainda ativa... Não, a vaidade e uma arma em suas mãos, a arma secreta, a última arma que lhe resta de um arsenal antes tão abundante! O espelho é coisa dela para ela mesma... o espelho é íntimo, mais íntimo que a calcinha... o espelho é um segredo que só ela e o espelho pactuam... o espelho está ali na frente do homem, o homem pode vê-lo por fora, mas por dentro o espelho é segredo dela, só dela, Inviolável, ininteligível, sete chaves o escondem...

E como aquele corpo é um corpo que desconfia de si mesmo, precisa de provas para sobreviver, para continuar se respeitando... As provas são, simplesmente, primordiais! Aquele corpo precisa saber se o homem ainda o deseja... O desejo do homem será a prova da “atraência”! E assim que acaba de escovar os dentes, a mulher provoca o corpo do homem, acintosamente, impudicamente, resguardando apenas os poucos escrúpulos que o costume ainda não matou. O homem está cansado do trabalho, estafado com o transito,

mas precisa divertir-se além das novelas de televisão. A dona apaga a luz e tudo desaparece!

Eu poderia continuar mesmo no escuro... Eles lá não estão continuando? Mas decido parar neste ponto, não por pudor... Não tenho pudor, pois vejo as coisas no real. Mas decido parar apenas em respeito ao escuro e a todas as coisas que estão no escuro e desejam ficar no escuro por não quererem a satisfação de mostrarem-se exatamente como são!

Boto os olhos nos músculos do homem... Va ser forte assim não sei ande... Forte, não... Musculoso! E ele continua a fazer exercícios, os músculos crescendo a cada movimento, braços, pernas, tórax... e quanto mais movimento, mais crescimento, mais movimento! Até onde o homem quer que os músculos cresçam? Quanto mais 08 músculos crescem mais o homem sente que' não cresceram o suficiente! É fácil perceber... A suficiência que que o homem precisa obter não a obterá nos músculos, mas os músculos ajudarão no suportar a deficiência: Sim, a vida antes de tudo é risco grande, um perigo desde que se nasce... Os assaltos estão cada vez mais ousados e nos per turbam ato mesmo quando temos todo o nosso dinheiro guardado em conforte... Então se justifica o gosto, a mania de fazer exercícios e fazer crescer músculos: Cada musculo crescendo é una garantia de segurança... As pessoas vão olhar para aqueles músculos antes de atentarem contra aqueles músculos... Os olhos vão se admirar daqueles músculos e vão buscar guarida naqueles músculos contra os perigos da vida... E as mulheres? ah, as mulheres... São as que mais se sentem agredidas pelo tumulto da vida, pela falta de respeito pelos seus direitos de gente... Ah, As mulheres, serão eles quem mais admirarão aqueles músculos e os disputarão como se disputa um lugar ao sol!

Desço meu olhar dos músculos no apartamento de baixo... Desço, não... Meu olhar cai por gravidade, cai de tão pesado, tão musculoso... E vejo uma mesa repleta... Não, não é o almoço, são